

UMA CASA DE
BONÉCAS



*Esta tradução foi publicada
com o apoio financeiro de NORLA.*

UMA CASA DE
BONÉCAS

PEÇA EM TRÊS ATOS

POR HENRIK IBSEN

Personagens

HELMER, bacharel em direito

NOVA, sua esposa

DOCTOR RANK

SRA. LINDA

ADVOGADO KRUGSTAD

OS TRÊS FILHOS DE HELMER

ANNE-MARIE, babá dos Helmers

HELENE, criada no mesmo local

UM MENSAGEIRO

A ação corre na residência dos Helmers.



PRIMEIRO ATO

Uma sala de estar confortável e decorada com gosto, mas não opulenta. Uma porta, ao fundo, e, à direita, conduz à antecâmara; uma outra, ao fundo à esquerda, conduz ao gabinete de trabalho de Helmer. Entre ambas as portas, há um piano. No centro da parede, à esquerda, há uma porta e, mais além, uma janela. Junto à janela, há uma mesa redonda, com uma poltrona e um pequeno sofá. Na parede à direita, um pouco atrás, uma porta, e, na mesma parede, mais próximo ao fundo, uma lareira de porcelana, em volta da qual há duas poltronas e uma cadeira de balanço. Entre a lareira e a porta lateral, há uma mesinha. As paredes são decoradas com calcografias. Um aparador ornado com objetos de porcelana e pequenas obras de arte; uma pequena estante, com livros finamente encadernados. Tapetes sobre o assoalho; labaredas ardem na lareira. Dia de inverno.

Soa a sineta na antecâmara; pouco depois, ouve-se a porta sendo aberta. Nora surge satisfeita, cantarolando pela sala de estar; veste trajas de frio e traz uma pilha de pacotes, que deposita na mesa à direita. Deixa entreaberta a porta da antecâmara e pelo vão se avista, lá fora, um mensageiro portando um pinheiro de natal e um cesto, os quais entrega à criada, que se apressou a recebê-los.



- NORA Trate de esconder bem a árvore de Natal, Helene. As crianças não devem vê-la até estar toda decorada hoje à noite. *(para o mensageiro; sacando o porta-moedas)* Quanto?
- MENSAGEIRO Cinquenta centavos.
- NORA Aqui tens uma coroa. Não, fique com o troco.
(O Mensageiro agradece e se vai. Nora fecha a porta com um sorriso satisfeito nos lábios, enquanto se despe dos trajes de rua.)
- NORA *(tira do bolso um saco, de onde fiska dois macarons e os come; em seguida, vai pé ante pé e escuta rente à porta do gabinete do marido)* Sim, ele está em casa. *(vai cantarolando até a mesa à direita)*
- HELMER *(dentro do gabinete)* É a minha cotovia quem gorjeia aí fora?
- NORA *(terminando de abrir alguns dos pacotes)* Sim, é ela.
- HELMER É o meu esquilo serelepe quem não para de bulir nas coisas?
- NORA Sim!
- HELMER E quando chegou o esquilinho a casa?
- NORA Neste instante. *(enfia o saco de macarons no bolso e, rapidamente, esfrega a boca com a mão)* Venha aqui, Torvald, ver o que comprei.
- HELMER Não perturbe! *(pouco tempo depois, abre a porta e espia com a pena na mão)* Comprou, você disse? Tudo isto? Minha passarinha saiu para gastar mais uma vez?
- NORA Sim, mas, Torvald, este ano podemos nos permitir um pouco mais. É o primeiro Natal que não precisaremos poupar.

- HELMER Ora, você muito bem sabe que não podemos nos dar a esses luxos.
- NORA Um tantinho, é claro que podemos, Torvald. Não é? Uma migalha de nada. Você está prestes a receber um bom salário e ganhar muito, muito dinheiro.
- HELMER Sim, a partir do ano que vem; mas lembre-se que faltam três meses ainda para o salário cair.
- NORA Pfff, podemos muito bem tomar algum emprestado até então.
- HELMER Nora! (*chega-se até ela e lhe puxa carinhosamente a orelha*) É a minha cabecinha-de-vento de sempre. Imagine se eu tomasse emprestado mil coroas hoje para que gastasses na semana do Natal, e, na noite de Ano Novo, se me despencasse um tijolo na cabeça, e eu tombasse morto no chão...
- NORA (*tapa-lhe a boca com a mão*) Isso lá são coisas de pensar?
- HELMER Imagine que algo assim sucedesse, e daí?
- NORA Se algo tão terrível sucedesse, tanto se me faria ter ou não ter dívida alguma.
- HELMER Bem, mas e as gentes de quem eu tomaria emprestado o dinheiro?
- NORA Elas? Quem se incomoda com elas? Não passam de estranhos.
- HELMER Nora, Nora, és uma mulher e tanto! Não, mas agora a sério, Nora. Você sabe o que eu penso sobre este assunto. Nenhuma dívida! Empréstimos jamais! Uma casa cujos alicerces são dívidas e empréstimos jamais será bela nem tampouco livre. Nós dois logramos viver muito bem até aqui e assim seguiremos vivendo, com algum sacrifício, pelo pouco tempo que ainda será necessário.
- NORA (*indo em direção à lareira*) Sim, sim, como queiras, Torvald.

HELMER *(vai atrás)* Muito bem, então. Agora, minha cotoviazinha, não precisa murchar suas penas. Não é? Não há por que meu esquilinho se encafiar. *(exibindo o porta-moedas)* Nora, que será que eu tenho aqui?

NORA *(vira-se bruscamente)* Dinheiro!

HELMER Olhe. *(entregando-lhe algumas cédulas)* Por Deus, sei muito bem que a casa pede um bocado mais de cuidados durante o Natal.

NORA *(contando)* Dez, vinte, trinta, quarenta. Oh, obrigada, obrigada, Torvald. Isto me ajudará bastante.

HELMER Sem dúvida.

NORA Sim, e como me ajudará. Mas venha aqui, quero mostrar-lhe tudo o que comprei. Verdadeiras pechinchas! Veja aqui roupas novas para Ivar e um sabre. Aqui um cavalo e um trompete para Bob. Aqui uma boneca e sua caminha para Emmy; muito singelas, pois ela não tardará a destroçar tudo assim mesmo. E aqui uns vestidinhos e lenços para as criadas. A velha Anne-Marie bem está fazendo por merecer.

HELMER E o que seria naquele pacote ali?

NORA *(gritando)* Não, Torvald, este não poderás ver até cair a noite!

HELMER Muito bem. Pois diga-me, então, minha pequena esbanjadora, o que pensou em comprar para si?

NORA Oh, pfff. Para mim? Não sou de me importar com coisas.

HELMER Claro que se importa. Diga-me algo razoável que deseje.

NORA Não tenho a mais mínima ideia. Escute, Torvald...

HELMER O quê?

NORA *(dedilha-lhe os botões do casaco sem encará-lo)* Se quiseres mesmo me dar algo, então podias... você podia...

- HELMER Diga, mulher, desembuche.
- NORA (*deixando escapar*) Poderias dar-me dinheiro, Torvald. Somente a quantia que esteja ao teu alcance. E, então, um dia desses, poderei comprar algo.
- HELMER Não, mas, Nora...
- NORA Por favor, amado Torvald. Eu te peço tanto. Eu decoraria a árvore de Natal com esses dinheiros embalados em papel dourado. Não seria divertido?
- HELMER Como se diz de quem sempre gasta mais do que possui?
- NORA Esbanjadora, sim. Sei muito bem. Mas façamos como eu digo, Torvald. E assim terei tempo para refletir sobre o que mais me será útil. Não lhe parece sensato? Hein?
- HELMER (*sorridente*) Sem dúvida, sensato é. Quero dizer, se de fato guardasse os dinheiros que lhe dou e comprasse algo para si com eles. Mas, como gasta tudo com a casa e com tantas coisas inúteis, tenho que pôr a mão no bolso novamente.
- NORA Oh, mas Torvald...
- HELMER Não se pode negar, minha Norazinha. (*abraça-a pela cintura*) Cotovias são pássaros lindos. Podem até aprender a cantar, mas a gastar dinheiro jamais aprenderão. É tremendamente custoso mantê-las.
- NORA Oh, pfff, mas como pode dizer tal coisa? Eu poupo em quase tudo que posso.
- HELMER (*rindo*) Isso lá é verdade. Em quase tudo que *podes*. Mas não *podes* nada.
- NORA (*cantarolando e sorrindo satisfeita*) Hmm, ah, Torvald, se tu apenas soubesses os dispêndios que temos nós, cotovias e esquilos.
- HELMER És uma criaturinha e tanto. Bem saiu ao teu pai. Sempre procurando um jeito de tirar dinheiro dos meus bolsos. Mas, assim que o tem nas mãos, ele lhe escorre por entre os

dedos. Nunca sabes que destino lho deu. Agora, é preciso encarar-te como és. Está no sangue. Sim, sim, sim, essas coisas são herdadas, Nora.

NORA Ah, eu bem gostaria de ter herdado várias das qualidades de papai.

HELMER E eu não desejaria que fosses outra que não esta pessoa que és, do jeito que és, minha doce cotoviazinha. Mas escute. Ocorreu-me uma coisa. Para mim, tu pareces tão... tão... como direi? ...tão irrequieta hoje...

NORA Eu?

HELMER Absolutamente. Olhe-me bem nos olhos.

NORA (*olhando para ele*) O quê?

HELMER (*apontando-lhe o dedo*) A senhora formiguinha acaso não saiu a passear na cidade hoje?

NORA Não. Por que agora a pergunta?

HELMER É certo que a formiguinha não quis dar uma rápida passada na confeitaria?

NORA Posso lhe asseverar que não, Torvald...

HELMER Nem para um bocadinho de doce?

NORA Não, de forma alguma.

HELMER Nem para uma mordiscada num *macaron* ou dois?

NORA Não, Torvald, posso lhe afiançar com toda a certeza...

HELMER Muito bem, muito bem, muito bem. Naturalmente, estou apenas sendo jocoso...

NORA (*vai até a mesa à direita*) Não me ocorreria contrariá-lo.

HELMER Não, disso sei muito bem. E, afinal, já me deu a sua palavra... (*voltando-se a ela*) Agora, guarde seus segredinhos de Natal para si mesma, minha abençoada Nora. Eles

serão revelados antes de o dia raiar, quando alumiar-mos a árvore de Natal, assim espero.

NORA Ocorreu-lhe convidar o doutor Rank?

HELMER Não. Mas não será necessário. É claro que ele virá cear conosco. Aliás, posso convidá-lo quando ele vier aqui pela manhã. Encomendei um bom vinho. Nora, não sabe como estou animado para esta noite.

NORA Eu também. E as crianças mal caberão em si de contentamento, Torvald!

HELMER Ah, só de pensar me enche o coração de alegrias. Ter um ordenado para prover tudo isto sem maiores preocupações. Não é verdade? Não lhe agrada pensar assim?

NORA Oh, é maravilhoso!

HELMER Lembra-se do Natal passado? Você trancou-se nos seus aposentos três semanas antes da data, e pôs-se a fazer enfeites para as árvores e outras maravilhas para nos surpreender. Oh, jamais vivi dias tão entediantes.

NORA Não senti tédio algum.

HELMER (*sorridente*) Pena que o resultado tenha sido tão sem graça, Nora.

NORA Oh, não me venha mais aborrecer com essa conversa. Que culpa tenho eu se o gato entrou a casa e rasgou os enfeites todos?

HELMER Claro que a minha pobrezinha não tem culpa. Nora, sua intenção era nos alegrar e isto é o que importa. O que importa é que os dias de penúria já passaram.

NORA Sim, isso é realmente maravilhoso.

HELMER Eu não careço mais de ficar aqui entediado. E, você, não carece mais de cansar seus abençoados olhos e arruinar suas delicadas mãozinhas...

NORA *(estalando as mãos)* Não é verdade, Torvald, nada mais disso é preciso. Oh, como é bom ouvir! *(segura-o pelo braço)* Agora, deixe-me lhe dizer o que havia pensado de fazermos, Torvald. Assim que passar o Natal... *(soa a sineta na antecâmara)* Oh, está tocando. *(arrumando a sala)* Está chegando alguém. Que maçada.

HELMER Para as visitas, eu não estou em casa. Lembre-se.

CRIADA *(no vão da porta)* Senhora, eis aqui uma estranha...

NORA Sim, faça-a entrar.

CRIADA *(para Helmer)* E também já chegou o doutor.

HELMER Foi direto ao meu gabinete?

CRIADA Sim, senhor.

(Helmer vai ao gabinete. A criada anuncia a senhora Linde, em trajes de viagem, que adentra a sala, e fecha a porta em seguida.)

SRA. LINDE *(em voz baixa e hesitante)* Bom dia, Nora.

NORA *(insegura)* Bom dia...

SRA. LINDE Não está me reconhecendo, pelo visto.

NORA Não. Não sei... Claro que sim, acho eu... *(interrompendo-se)* O quê! Kristine! É mesmo você?

SRA. LINDE Sim, sou eu.

NORA Kristine! Como não a reconheci! Mas como poderia...? *(mais baixo)* Como está mudada, Kristine!

SRA. LINDE Sim, é verdade. Passaram nove ou dez longos anos...

NORA Faz tanto tempo que não nos víamos? Sim, é verdade. Oh, os últimos oito anos foram de bonança, pode crer. E agora está de volta à cidade? Uma viagem tão longa em pleno inverno. Quanta coragem de sua parte.

SRA. LINDE Vim no vapor desta manhã.

NORA Para festejar o Natal, evidentemente. Oh, que delícia! Celebrar e festejar, é o que vamos. Mas dê-me cá seu casaco. Não está com frio, não é? (*ajudando-a*) Venha, vamos ficar mais à vontade junto à lareira. Não, sente-se ali na poltrona! Quero sentar-me na cadeira de balanço (*segurando-a pelas mãos*) Muito bem, agora consigo enxergar aquele antigo rosto. Foi só no primeiro instante... Está um pouco mais pálida, Kristine... E talvez um pouco mais magra.

SRA. LINDE E muito, muito mais envelhecida, Nora.

NORA Sim, talvez um pouco mais velha. Um pouco, apenas. Nada demasiado. (*detém-se de repente, séria*) Oh, mas que pessoa mais insensata, que se abanca aqui e desata a falar! Querida e abençoada Kristina, perdoe-me.

SRA. LINDE O que quer dizer, Nora?

NORA (*à meia-voz*) Pobre Kristina, você enviuvou.

SRA. LINDE Sim, faz três anos.

NORA Oh, eu soube. Li nos jornais. Oh, Kristine, creia-me, pensei muito em lhe escrever naquele tempo, mas sempre adiava e resulta que acabei nunca escrevendo.

SRA. LINDE Querida Nora, compreendo muito bem.

NORA Que rude da minha parte, Kristine. Oh, pobre coitada, quanta privação não deve ter suportado. E ele não lhe deixou algo que lhe sirva de arrimo?

SRA. LINDE Não.

NORA Nem filhos?

SRA. LINDE Não.

NORA Quer dizer, nada mesmo?

SRA. LINDE Nem mesmo mágoa ou memória que valha uma lágrima.

NORA (*fitá-a incrédula*) Mas, Kristine, como é possível?

SRA. LINDE (*sorrindo desencantada e correndo a mão pelos cabelos*) Oh, é como sói acontecer, Nora.

NORA Tão solitária. Os dias devem lhe ser insuportavelmente pesados. Eu tenho três lindos filhos. Não pode vê-los agora porque saíram com a babá. Mas, então, conte-me tudo...

SRA. LINDE Não, não, não, conte-me você em vez.

NORA Não, comece você. Hoje não quero ser egoísta. Hoje quero pensar apenas nas suas coisas. Porém, *uma* coisa preciso lhe dizer. Soube que tiramos a sorte grande nesses dias?

SRA. LINDE Não. Do que se trata?

NORA Imagine, meu marido tornou-se diretor do Banco de Ações.

SRA. LINDE Seu marido? Oh, mas que esplêndido...!

NORA Sim, tremenda! Ser bacharel em direito é um jeito muito inseguro de ganhar a vida, especialmente quando se quer distância de causas que não sejam as mais bem reputadas. Naturalmente, Torvald jamais se prestaria a menos. E nisso concordo plenamente com ele. Oh, acredite, estamos muito felizes! Ele ingressará no banco já no começo do ano, e então ganhará um bom salário e comissões. Daí viveremos uma vida bem diferente... quem sabe a vida que sempre quisemos. Oh, Kristine, como me sinto aliviada e feliz! Sim, pois é uma dádiva poder contar com uma grande soma de dinheiro e não ter preocupações. Não é verdade?

SRA. LINDE Sim, embora já seja uma dádiva ter o mínimo necessário.

NORA Não, não apenas o necessário, mas muito, muito dinheiro!

SRA. LINDE (*sorrindo*) Nora, Nora, ainda não está satisfeita? Na escola, sempre se punha a esbanjar.

NORA *(ri baixinho)* Sim, é o que Torvald sempre diz. *(com o dedo em riste)* Mas a Nora aqui não é tão louca quanto pensam vocês. Não chegamos aonde chegamos por obra da minha ganância. Precisamos trabalhar, os dois.

SRA. LINDE Você também?

NORA Sim, coisas pequenas, trabalhos manuais, crochês e bordados, essas coisas; *(desdenhando)* e com outras coisas também. Você sabe muito bem que Torvald saiu do departamento quando casamos, não sabe? Não havia perspectivas de promoção no escritório, então ele precisou dar duro, bem mais que antes. O primeiro ano foi extenuante, um verdadeiro horror. Teve de aceitar todo tipo de trabalho, você pode imaginar, começando cedo e esfalfando-se até tarde. Mas não suportou e adoeceu gravemente. Os médicos explicaram que seria imperativo viajarmos para o sul.

SRA. LINDE Não passaram um ano inteiro vivendo na Itália?

NORA Sim. Não foi fácil partir, pode ter certeza. Ivar tinha acabado de nascer. Mas precisávamos ir, naturalmente. Oh, foi uma viagem maravilhosa. Salvou a vida de Torvald. Mas custou-nos muito dinheiro, Kristine.

SRA. LINDE Posso imaginar.

NORA Mil e duzentas espécies foi o que custou. Quatro mil e oitocentas coroas. É dinheiro demais.

SRA. LINDE Nestes casos, pelo menos, sorte tem quem pode contar com tamanha soma.

NORA Devo dizê-la que este dinheiro papai quem nos deu.

SRA. LINDE Oh, sim. Foi justo quando ele faleceu, cá estou pensando.

NORA Sim, Kristine, justo então. E imagine que não tive como vir aqui cuidá-lo. Estava aqui esperando, dia após dia, que o pequeno Ivar viesse ao mundo. E ainda tinha que dar atenção ao meu pobre marido Torvald, cuja saúde era

precária. Meu querido papai! Nunca mais tornei a vê-lo, Kristine. Oh, desde que casei, foram os piores anos da minha vida.

SRA. LINDE Eu sei o quanto o tinha em consideração. Mas, então, viajaram todos para a Itália?

NORA Sim, tínhamos o dinheiro e os médicos nos apressaram a ir. Partimos um mês depois.

SRA. LINDE E seu marido voltou inteiramente curado?

NORA Forte como um touro!

SRA. LINDE Mas... e o médico?

NORA Como diz?

SRA. LINDE Creio que a criada disse que o doutor, aquele senhor que aqui chegou junto comigo.

NORA Ah, era o doutor Rank. Mas não veio passá-lo em consulta. Ele é um amigo próximo, pelo menos uma vez por dia nos vem visitar. Não, Torvald jamais voltou a cair doente desde então. E as crianças também estão firmes e fortes, assim como eu. *(levanta-se estalando as mãos)* Oh, Deus, oh, Deus, Kristine, é tão maravilhoso estar viva e contar com a sorte...! Oh, mas que terrível da minha parte... Continuo a falar apenas da minha vida. *(sentando-se numa cadeira próximo a ela e apoiando as mãos nos joelhos)* Escute, não me queira mal! Diga-me, é verdade que não gostava do seu marido? Por que casou com ele, então?

SRA. LINDE Minha mãe ainda é viva. Estava acamada e inválida. E também tinha meus dois irmãos mais novos para cuidar. Achei que não seria razoável recusar a proposta.

NORA Não, não, nisso você tem razão. Ele era um homem rico?

SRA. LINDE Era muito bem-sucedido, acho eu. Só que eram negócios muito incertos, Nora. Quando morreu, tudo virou de cabeça para o chão e por fim nada me restou.